



## RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E PADRÕES DE CONSUMO NA FAMÍLIA<sup>1</sup>

Miriã Alves Ramos de Alcântara<sup>2</sup>  
Meiriane Pessoas Chagas; Jaqueline Santos Meira de Lima;  
Scheila Janaine Campos Cardoso; Simone Gomes Bittencourt;  
Geder Lobo do Espírito Santo Cerqueira; Prissila dos Santos Oliveira e  
Talita de Jesus Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:** *O estudo tem como objeto padrões de consumo de famílias urbanas no contexto de rápidas e intensas mudanças socioculturais, com o objetivo de analisar dimensões da intersubjetividade, considerando a integração do grupo familiar ao contexto social mais amplo. Discute-se a posição de três membros da família – crianças, jovens e idosos - com relação a dois aspectos da dinâmica social atual (políticas para geração de renda e crise financeira internacional) e suas consequências para o comportamento de consumo. Investigou-se o impacto do cenário socioeconômico atual para as relações na família, considerando hierarquia, dominância, simetria e exercício do poder. Participam da pesquisa 24 famílias em diferentes momentos do ciclo de vida (Carter & MacGoldrick, 2002). Selecionados mediante acessibilidade, os participantes foram entrevistados com base em roteiro semi estruturado com itens acerca do padrão de consumo e das mudanças familiares e sociais conexas. As análises identificam elementos que caracterizam as trocas intergeracionais em mudança na família contemporânea e indicam a necessidade de organização da sociedade a fim de avaliar e propor ações para a garantia da ética na veiculação de mensagens direcionadas a esses três segmentos de consumo.*

**Palavras-chave:** Família; consumo; mercado.

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar padrões de hierarquia e reciprocidade no contexto familiar enquanto processos que integram o conjunto de mudanças em curso na família contemporânea em suas interrelações com as políticas públicas da última década. Em particular, busca-se analisar as relações intergeracionais na família brasileira, considerando tensões, conflitos e soluções engendradas pelos membros da família para lidar com demandas geradas no contexto das políticas macroeconômicas que resultaram no incremento de renda *per capita* e no aumento do acesso a bens e serviços e, mais recentemente, com as recentes mudanças no equilíbrio de forças da economia global.

As relações familiares sofrem transformações intensas e aceleradas decorrentes do recente ingresso de percentual significativo da população das camadas C e D em novas faixas de renda, de acordo com os últimos dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2008) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2008). Os estudos sobre pobreza e

---

1 O estudo especifica o foco das investigações do grupo de pesquisa *Família em Mudança* (UCSal/CNPq), coordenado pelo Prof. Dr. Giancarlo Petrini que avança na consolidação do conhecimento das múltiplas relações entre família e contexto sociocultural e aproxima-se do tema desenvolvido na disciplina Psicologia do Consumidor, lecionada pela Profa. Dra. Miriã Alcântara no Curso de Administração de Empresas da Fundação Visconde de Cairu.

2 Psicóloga. Doutora em Saúde Pública (UFBA). Docente-Pesquisadora da Fundação Visconde de Cairu/FVC. E-mail: [miria.alcantara@gmail.com](mailto:miria.alcantara@gmail.com).

3 Discentes do curso de Administração de Empresas da FVC.



família apontam dificuldades para captar variações significativas na economia a partir de análises do microcontexto. No entanto, a estabilidade da política econômica torna possível analisar o comportamento da renda de parcelas populacionais das principais regiões metropolitanas do país.

As mudanças viabilizadas pelo aumento da renda trazem repercussões não apenas para o estilo de vida das famílias e de seus membros, mas principalmente para os padrões de consumo desta população, o que pode alterar autoridade familiar além das prioridades de investimento econômico com impacto sobre estilos parentais de criação.

Tais mudanças não encontram precedentes na conjuntura nacional o que justifica análises do seu impacto nas condições de vida e do ponto de vista das relações sociais, por alterar o profundo desequilíbrio histórico entre ricos e pobres (POCHMANN, 2006), e ainda, acionar recursos da família que alteram o equilíbrio de poder entre seus membros.

Entendida como importante contexto de desenvolvimento para o ser humano por propiciar processos fundamentais para a formação da personalidade e para a inserção social, é no espaço da família que os indivíduos vivenciam experiências humanas significativas e básicas como a conjugalidade, maternidade, paternidade, filiação, dentre outras (PETRINI & ALCÂNTARA, 2003).

Por outro lado, a família é reconhecida como matriz do processo civilizatório (LEVI-STRAUSS, 1967; MAUSS, 1974), pois exerce diversas funções sociais relativas ao cuidado, proteção, promoção e acolhimento de diversos membros, através de ações que ocorrem em seu cotidiano e que se constituem como um recurso para a sociedade.

Considerando a importância desse contexto de desenvolvimento para a pessoa e para a sociedade, e verificando o incremento da renda *per capita* da população brasileira residente nas regiões metropolitanas durante a última década (IPEA, 2008), propõe-se a análise das relações intergeracionais frente às perspectivas de inserção no mercado de bens e serviços. Estas análises atendem aos processos internos da família, que possui organização estrutural sistêmica, em constante alteração no contexto das tarefas próprias da fase em que se encontra no curso de vida (Carter & McGoldrick, 2002).

A presente investigação visa descrever o processo de mudança no contexto familiar a partir do encontro com o saber e com a prática social decorrente da reorganização do espaço urbano e da promoção à saúde, diretrizes das políticas públicas no Brasil (Bolsa Família e Programa de Saúde da Família), de modo especial através do seu impacto para o desenvolvimento da família, *locus* de observação e análise aqui definido.

## AS MUDANÇAS NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Por formar o tecido social, a família participa ativamente do dinamismo próprio das relações sociais (Scabini, 1998), tendo como principal implicação as constantes mudanças em suas características mais expressivas. Na sociedade moderna, a família vem se modificando especialmente nos seguintes aspectos organizativos: menor frequência dos matrimônios; maior proporção das convivências ou famílias de fato, das separações e dos divórcios; o aumento do número de famílias monoparentais e reconstituídas (nas quais pelo menos um dos *partner* provém de uma união anterior); maior número de famílias constituídas de uma só pessoa; redução da taxa de natalidade em termos absolutos; aumento dos nascimentos fora do matrimônio / casamento; relativa perda de suporte social (Berquó, 1999; PNAD, 2007; IBGE, 2000).

Apesar de estas mudanças delinearem um novo perfil populacional, caracterizado por



dinâmicas familiares no interior de modelos variados de família, os indicadores acerca do acesso da população infanto-juvenil a saúde, educação, e aos programas de formação educativa para profissionalização, do tipo *primeiro emprego*, evidenciam a violência estrutural da sociedade marcada por profundas desigualdades na distribuição da riqueza social (Brasil, 2007).

A última pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD, 2007), revelou que Salvador é a capital com maior índice de famílias chefiadas por mulheres, 42%, condição relacionada à pobreza.

Em análises anteriores, observa-se gradual ingresso de população de baixa renda em grupos econômicos de maior acesso a bens e serviços. Em 1992, os dados apontaram o incremento de dois milhões de pessoas na condição de pobreza absoluta (famílias com rendimento médio de  $\frac{1}{2}$  salário mínimo *per capita*) em comparação ao início da década de 80 (IBGE, 1992). A situação de pobreza traz consigo múltiplos agravos a saúde decorrentes, em grande parte, da total ausência de suporte social direcionado a essas famílias, além de predispor crianças e adolescentes à inserção precoce no mundo do trabalho.

Considerando a família como sistema em desenvolvimento que atravessa mudanças e dificuldades ao longo do seu ciclo evolutivo, apresenta potencial para promover proteção e crescimento a si e a seus membros bem como para proteger-se de estressores, readaptando-se após crises ou transições. Com essa finalidade, pode utilizar e contribuir com a rede de relações e recursos da comunidade, especialmente nos momentos de crise. As mudanças e a resposta da família podem variar de acordo com a etapa do ciclo vital (HERNÁNDEZ, 1996).

Tomando como objeto os processos que ocorrem na família, e suas redes de apoio, inclusive a participação em projetos, considerando-os em sua inter-relação com as mudanças no entorno social e, em um nível mais amplo, nas políticas sociais, segundo a perspectiva do modelo ecológico do desenvolvimento humano, em sua visão do desenvolvimento-em-contexto, a investigação propõe abordar a questão a partir do modelo relacional de Pierpaolo Donati (2008) que prioriza a análise das relações intergeracionais.

O contexto de investigações da família no Brasil evidencia que o cenário cultural brasileiro indica vertentes contraditórios de valorização da família. Uma sondagem de opinião, realizada por prestigioso instituto paulista em 2007 revelou que 98% das pessoas entrevistadas consideram a família importante ou muito importante, dado que dificilmente seria deduzido com base nos meios de comunicação e nas publicações especializadas. O fato de ser eleita pelo Governo como parceira na implementação de políticas de combate à pobreza e à evasão escolar indica outra forma de valorização da família. Por outro lado, os critérios de análise da realidade familiar, com frequência identificam o conjunto de pessoas que compartilham uma unidade habitacional como uma família, o que revela a ausência de consenso em torno dos critérios acerca das características essenciais das relações familiares.

Nesse sentido, pode-se ponderar que a família nunca foi considerada de maneira tão fluida, com contornos tão indefinidos, sendo diluída a sua identidade a ponto de aparentemente desaparecer enquanto instituição com categorias próprias.

A situação descrita mostra o paradoxo pelo qual a família é considerada como realidade absoluta e prioritária e por vezes, é entendida como realidade residual, prestes a desaparecer, processo que documenta a profunda mudança que envolve a sociedade brasileira em suas dimensões e revela a pluralidade de posturas, a diversidade de valores e metas que se encontram em nossa cultura.

## **ESTUDOS SOBRE FAMÍLIA EM CONTEXTO DE MUDANÇA SOCIAL**

Desde a década de 50, a esfera pública era dominada pela identificação de indivíduos: o



trabalhador, o idoso, o adolescente, a criança, a mulher, como se sua existência dispensasse a rede de relações familiares. O vínculo familiar era considerado irrelevante a organização social e aos direitos do cidadão. A família também era vista como baluarte de forças conservadoras que deveria ser derrotado a fim de viabilizar processos políticos e culturais mais afinados com a modernização.

A família tradicional, compreendida através dos esquemas do modelo patriarcal, representava o que deveria ser deixado para trás, com a família sendo considerada como lugar de reprodução de uma mentalidade contrária às inovações culturais. Foi-se afirmando um estilo de vida independente, autônomo, caracterizado por escolhas livres. No cenário moderno, surge um indivíduo marcado pela instabilidade, por convicções voláteis e compromissos fluidos. A cultura do efêmero (Lipovetsky, 1989; 2004) faz perceber os vínculos familiares mais como amarras que limitam a livre expressão da própria personalidade do que como recursos essenciais para a própria realização humana e, por isso, destinados a durar no tempo (PETRINI, 2007).

No início da modernidade, o passado tinha sido desvalorizado, rejeitado como concentração de erros que finalmente seriam superados no futuro próximo. Na pós-modernidade, dissolvem-se as esperanças de libertação depositadas no futuro. Sem história da qual orgulhar-se e sem futuro capaz de mobilizar as energias em vista de um projeto social e pessoal, restam, especialmente para as novas gerações, satisfações momentâneas e emoções efêmeras.

Neste contexto, o mercado afirma-se ainda mais como um poder impessoal, capaz de condicionar os indivíduos e os Estados, mas também de introduzir nas relações humanas, isto é, no tecido fino das relações cotidianas, os critérios, valores, métodos que lhe são próprios, sinteticamente indicados como intercâmbios de equivalentes. “O mercado coloniza o mundo da vida, reduzindo espaços de gratuidade, tudo calculando em função da conveniência e da utilidade, aplicando-se à produção do lucro e do poder” (PETRINI, 2005, p. 39-40),

Estes fatores, somam-se a individualização e pluralização descritas por estudiosos como Singly (2007), repercutem na constituição da família contemporânea e de suas relações. A família encontra-se em constante transformação, pois participa dos dinamismos típicos das relações sociais. Integrada ao processo social, a família passa por mudanças significativas. Em meio a turbulências culturais e sociais, a família empenha-se em reorganizar aspectos da sua realidade que o ambiente sociocultural vai desgastando. Reagindo aos condicionamentos externos e ao mesmo tempo, adaptando-se a eles, a família encontra novas formas de organização que, de algum modo, a reconstituem.

A partir da década de 80, na Europa e nos Estados Unidos, e em seguida, em todo o mundo, renova o interesse pelos estudos sobre família, considerada funcional ao bem-estar das pessoas e ao bom êxito da socialização e educação das novas gerações. Gottman (1998) aponta a falta de instrumentos de análise adequados para compreender os dinamismos próprios da família, pois a mesma possui um caráter supra-funcional, como adverte Donati (2008): Ela “não existe para satisfazer uma ou algumas funções sociais, mas um leque potencialmente indefinido, enquanto a família é uma relação social plena, ou seja um fenômeno social total que implica todas as dimensões da existência humana” (p. 33).

Com o crescimento da sociedade funcionalmente organizada, muitas funções anteriormente reservadas à família passam a ser desempenhadas por outras agências, públicas ou privadas. Foi inevitável que neste processo a família parecesse depauperada, quase evanescente. Com efeito, a tarefa educativa, a socialização das novas gerações os cuidados com a saúde e como desenvolvimento físico e psíquico, são cada vez mais realizadas pelo Estado ou por agências privadas devido a menor disponibilidade de tempo dos pais, devido à dedicação do homem e da mulher ao trabalho fora de casa. Além disso, até a função mais própria da família, como a de gerar filhos pode ser atualmente, desempenhada por laboratórios de fecundação





assistida, sem necessidade da relação sexual. Nesse horizonte, o pesquisador acaba por não mais encontrar o seu objeto de estudo, a família, que vai dissolvendo-se diante de seus olhos. No entanto, a família existe e sempre mais emerge como realidade fundamental para o delineamento da identidade humana e social.

Apesar dos limites das diversas abordagens desenvolvidas nas últimas décadas, aumenta o número de pesquisadores que convergem no entendimento da família como relação de plena reciprocidade entre gêneros e gerações, ainda que com variadas formulações. Quando a família não vive relações de plena reciprocidade e favorece o individualismo no lugar da solidariedade social, quando não é valorizada a cooperação entre sexos e gerações, a coletividade deve fazer-se cargo de atribuições que as famílias assumiriam para si, aumento a despesa pública. Além disso, o conflito e a violência tendem a crescer neste ambiente.

No Brasil, cresce o interesse dos pesquisadores de diferentes campos do saber pela compreensão do vínculo da família com a estrutura social em análises acerca do papel que desempenha na ordenação da vida em sociedade, sendo reconhecida, por alguns estudiosos, como um eixo significativo para a transmissão de valores, direcionando, inclusive, comportamentos e hierarquias.

## **METODOLOGIA**

A entrevista com base no roteiro semi estruturado especialmente elaborado para esta pesquisa foi o instrumento utilizado para a coleta de dados. Ele contempla onze itens considerando desde a identificação do entrevistado até suas necessidades de consumo e relacionais do momento atual. Participaram sujeitos de distintas camadas sociais e de diferentes grupos etários, escolhidos aleatoriamente e de acordo com a acessibilidade. As análises consistiram na leitura exaustiva dos questionários a fim de identificar descritores dos padrões de consumo e do padrão relacional de cada grupo etário.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As análises de dados possibilitaram identificar características específicas e globais quanto ao segmento pesquisado. Deste modo, serão apresentados e discutidos os resultados relativos a crianças, jovens e idosos enquanto consumidores e o que este fator representa para as relações no contexto familiar.

### **1. Crianças**

Percebe-se que as crianças que participaram dessa discussão têm um papel de grande importância dentro de suas casas, junto aos seus pais. Além de fazerem parte das decisões de compra, elas ainda representam um canal valioso de informações para suas famílias. A análise das respostas confirma as transformações que estão ocorrendo na família brasileira, principalmente em relação ao papel das crianças como consumidoras, incentivadas pelos pais, elas estão cada vez mais informadas, participativas, opinativas e usufruindo seu poder de decisão. Adicionado a isso, tem-se hoje uma criança que cresce em um contexto diferente do passado, pois estão cada vez mais confinada a espaços fechados, sendo muito suscetível à comunicação midiática, principalmente através da televisão.

Para os pais, a publicidade televisiva tem um papel essencial na formação destes novos



consumidores. A maioria concorda que, muitas vezes, eles acabam opinando nas compras familiares por influência dela. As solicitações dos filhos também acabam colocando os pais em situações difíceis: ao mesmo tempo em que devem manter a preocupação com os gastos domésticos, não desejam que seus filhos sejam excluídos de determinados grupos por não possuírem certos produtos ou marcas. Já as crianças se utilizam destes argumentos para exigirem seus pedidos. Os casais da pesquisa (assim como muitos casais brasileiros) fazem parte de uma realidade em que o espaço do supérfluo se torna cada vez mais reduzido. Sendo assim, a negação de determinadas compras por parte dos pais deve ser delicadamente negociada com as crianças.

O fato é que, além da sua facilidade em assimilar informações, seu desejo pelo novo e a natural curiosidade pelas descobertas, as crianças podem atualmente ser consideradas como consumidores 3 em 1: além de exercerem seu papel de consumidores mirins, são também promotores do consumo familiar e futuros adultos consumidores.

## **2. Jovens**

Os jovens mudam de opinião constantemente e querem “tudo ao mesmo tempo agora”, ou seja, o imediatismo, o amanhã é agora, viver como se não houvesse amanhã.

Os jovens com poder aquisitivo mais elevado, tendem a não se preocuparem tanto com a questão da crise financeira atual, porém os jovens de nível social menos elevado absorvem um maior impacto com relação a mesma, ou seja, a crise está sendo gritante, pois o número de desempregados aumentou e a proliferação dos problemas mais contantes como fome, violência, entre outros, pois esse público não tem a devida qualificação e acabam sendo excluídos da sociedade, e até marginalizados. De acordo com a camada social de cada jovem as opiniões divergem em relação ao consumo.

Em relação a pesquisa feita com 8 jovens soteropolitanos concluiu-se que o perfil do comportamento deste em relação ao consumo esta diretamente ligado a classe social que pertence, outros fatores relevantes são: a mudança da rotina familiar (devido ao trabalho, os pais passam menos tempo com seus filhos, esse sentimento de culpa é remediado com presentes que os próprios filhos escolhem), o aumento da violência (os pais investem em produtos para monitorar seus filhos (celular) e produtos que façam com que seus filhos passem mais tempo em casa (DVDs, computadores), a globalização e internet (que permitem ao jovem ter um acesso bastante vasto a vários tipos de informação). O jovem se interessa por novidades tecnológicas, quer fazer parte das novas tendências, especialmente relativas ao entretenimento (festas, shows, lazer, alimentação e vestuário. Gastam seu dinheiro de forma controlada, planejam compras, comparam preços, sabem sobre juros, relacionam o que tem com o que gastam.

## **3. Idosos**

O padrão de consumo do indivíduo da terceira idade é influenciado pela renda, preferências pessoais, ocupação e principalmente pelo grau de escolaridade. As principais teorias do comportamento do consumidor propõem modelos que considerem que “as decisões de um comprador são também influenciadas por características pessoais, que incluem a idade e o estágio do ciclo de vida, ocupação, situação econômica, estilo de vida, personalidade e auto-estima” (SCHIFFMAN E KANUK 2000). E ainda, “as escolhas de compra de uma pessoa são influenciadas por quatro importantes fatores psicológicos – motivação, percepção, aprendizagem e crenças e atitudes” (KOTLER, 1996).

A análise dos dados pesquisados possibilitou perceber que a maioria dos entrevistados foi do sexo feminino. Em relação à fonte de renda, todos os entrevistados são aposentados, no



entanto, uma das entrevistadas, apesar de aposentada, continua exercendo atividade profissional.

Observamos que em relação à escolaridade, apenas uma das entrevistadas possui curso superior e sua grande maioria apenas o segundo grau completo.

Analisando a questão lazer observamos que a maioria dos entrevistados prefere realizar com a família, pode-se afirmar que preferências são do tipo passeios, almoços e reuniões familiares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil dos entrevistados indicou uma maioria feminina que prefere atividades que envolvam grupos familiares e que optam por atividades menos onerosas. A renda familiar ficou em média quatro salários mínimos. É claro que existem parcelas muito mais atrativas do que ao grupo pesquisado, ficando para os profissionais de Marketing a busca por nichos que segmentem os consumidores da terceira idade. Algumas limitações surgiram durante a pesquisa, destacando-se o número de entrevistados e a necessidade de se considerar a realidade sócio-econômica. A possibilidade de pesquisas na área de consumidor infantil, jovem e de terceira idade é grande, e requer novos estudos que explorem focos como: turismo; moda; saúde; entretenimento.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BASTOS, A. C. S. **Modos de partilhar**: a inserção da criança na vida cotidiana de famílias de um bairro popular. Um estudo de casos. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 1994.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

BECKER, HS. **Método de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil: uma revisão demográfica. LM Schawrcz (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde da Família: uma estratégia para a reorganização do modelo assistencial. Brasília, 1997.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, 7, 1977.

CASTELLS, M. **Il potere della identità**. Milano: Boccioni, 1997.



CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COYNE, J.C.; DOWNEY, G. Social factors and psychopathology: stress, social support and coping processes. **Annual Review of Psychology**, 42, 1991.

CRUZ NETO, O.; SOUZA, E. R.; ASSIS, S. G. Rede familiar: a Reconstrução pela Desconstrução. MINAYO, M. C. S. (Org.) **O Limite da Exclusão Social: Meninos e Meninas de Rua no Brasil**. São Paulo: Hucitec. 1993.

DAMATTA, R. **A Casa e a Rua**. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: Ricco, 1997.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar. 3ª. Ed, 1979.

DONATI, P. Family Citizenship: a basic concept for new social policies. **Antrophotes**, anno 13, (2): 395-418, 1997.

HERNANDÉZ, A. C. **Familia y Adolescencia**: Indicadores de Salud. Washington: W. K. Kellogg Foudation. (Manual de aplicacción de instrumentos), 1996.

IBGE / PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2005. IBGE, 2007.

IBGE / PNAD. Bahia Análise e Dados, Salvador, SEI, v. 6, n. 1, p. 36-45, jun., 1996.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.) **Família brasileira**, a base de tudo / São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 1994.

LIPOVETSKY, G. **Tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

LUTHAR, S. S. & ZIGLER, E. Vulnerability and competence. A review of research on resilience in childhood. **American Journal Orthopsychiatric**, 61, (1): 6-22. 1991.

MARCÍLIO, M.L. **História Social do Abandono à Criança no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MÉNDEZ, E. G. **Infância e Cidadania na América Latina**. São Paulo: HUCITEC/ Instituto Ayrton Senna, 1998.

PAIM, J.; ALMEIDA FILHO, N. **O Campo da Saúde e a Crise da Saúde Pública**. Salvador: LIS / Instituto de Saúde Coletiva, UFBA, 2001.





**XII SEMOC** SEMANA DE  
MOBILIZAÇÃO  
CIENTÍFICA  
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



PETRINI, G. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. São Paulo: EDUSC, 2003.

PETRINI, G.; ALCÂNTARA, M.A.R. Família, recurso humano. Universidade Católica do Salvador. Revista **Veritati**, 2003.

RABINOVICH, E. P. Modos de Morar no Brasil e Contexto de Desenvolvimento. REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 28, Ribeirão Preto, São Paulo: SBP, 1998.

RUTTER, M., CHAMPION, L. QUINTON, D. MAUGHAN, B.; PICKLES, A. Understanding individual differences in environmental-risk exposure. MOEN, P.; G. ELDER, G.; LÜSCHER, K. (Eds.). **Examining Lives in Context**. Washington: American Psychological Association, 1995.

SARTI, C. A. O valor da família para os pobres. RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. (orgs.) **Família em Processos Contemporâneos**: inovações culturais na sociedade brasileira. Seminários Especiais Centro João XXIII. São Paulo: Loyola, 1995.

SILVA, R. M. R., SABOIA, A. L. ; BRANCO, H. C. **Crianças e Adolescentes**. Indicadores sociais. Rio de Janeiro: UNICEF – IBGE, 1987. v. 1.